



Estudos Teológicos foi licenciado com uma Licença Creative Commons –
Atribuição – NãoComercial – SemDerivados 3.0 Não Adaptada

A LINGUAGEM TRINITÁRIA DE GREGÓRIO NAZIANZENO¹

The Trinity language of Gregory Nazianzen

Maria Freire da Silva²

Resumo: O presente artigo reflete sobre a linguagem trinitária de Gregório Nazianzeno, um dos Padres Capadóciolos. Baseia-se no pressuposto de que os Capadóciolos partem da reflexão sobre as três pessoas divinas, como primeira realidade. Para eles, as Pessoas significam a existência singular, concreta e individual. Assim sendo, o que lhes permite superar o triteísmo é a consideração da peculiaridade de cada Pessoa, peculiaridade essa sempre definida em relação às outras pessoas, a começar pelo Pai, fonte e origem de toda divindade.

Palavras-chave: Hipóstases. *Ousia*. Relação. Distinção.

Abstract: This article is a reflection of the Trinity language of Gregory Nazianzen, one of the Cappadocian Fathers. One of the assumption of the Cappadocian is a reflection about the three divine persons, which is considered as the first reality. For them, each person exists singularly, concretely and individually. However, Trinitarism dominates because the peculiarity of each person is always defined in relation to the other persons, starting with the Father, who is the fountain and the origin.

Keywords: Hypostasis. Essence. Relation. Distinction.

Introdução

Sem dúvida, no vivenciar a fé e anunciá-la, os cristãos encontraram novas interrogações em novos contextos culturais. Isso estimulou a refletir e aprofundar conceitualmente a própria fé.

A reflexão exegética e teológica judaica cristã que se desenvolveu a partir do século 2 depois de Cristo no ambiente cultural de Alexandria, quando teve que afron-

¹ O artigo foi recebido em 19 de fevereiro de 2014 e aprovado em 4 de agosto de 2014 com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

² Bacharel e mestra pela Pontifícia Faculdade de Teologia N. Sra da Assunção São Paulo e doutora em Teologia Dogmática pela Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma, Itália. Professora da Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), chefe do Departamento de Teologia Sistemática, São Paulo/Brasil. Contato: freiremaria3@yahoo.com.br

tar o problema dos “nomes divinos”, trouxe notável consciência ao debate relativo à natureza e à função da linguagem em curso no mundo antigo.

Em primeiro lugar, deparamo-nos com Filón, em ambiente judaico; Orígenes, em espaço cristão. Isso aprofundou a significação dos nomes, e o conceito de pensamento humano (*epinoia*). Tal concepção pode ser simplificada nos seguintes termos: os diversos nomes que indicam os atributos divinos ou, para Orígenes, cristológicos, não são, em tese, como realidade relativa à realidade distinta em Deus, o que designaria uma natureza composta em Deus, mas são segundo o pensamento humano.

Em 362, apenas vivendo seu terceiro exílio, Atanásio convoca, em Alexandria, um sínodo de grande importância com a participação de vinte bispos. As decisões adotadas nesse concílio são evidenciadas graças ao *Tumus ad Antiochenos*, uma carta sinodal, endereçada pelos padres sinodais a Eusébio, Lucífero, Cimázio e Anatólio. O texto autoriza utilizar, em âmbito trinitário, formas diferentes: uma *hipóstase* ou três *hipóstases*. O termo hipóstase é aqui compreendido seja no sentido de *substância-ousia* seja como sinônimo de realidade substancial individual. No primeiro caso, pode-se falar de uma só substância em Deus; no segundo, de três hipóstases. E, nesse caso, o termo é compatível, seja com a afirmação de uma só hipóstase seja referente a três hipóstases em Deus.

Atanásio permanece fiel à definição de uma só hipóstase. Basílio e os outros dois capadócijs elaboram uma distinção entre hipóstase e ousia, o que permite chegar a uma elaboração: uma *ousia* e três hipóstases.

A contribuição dos capadócijs para o dogma trinitário

Indubitavelmente, ao retornarmos à patrística do século 4 sobre a elaboração do dogma trinitário, percebemos a grande contribuição dos padres capadócijs, especialmente e de forma relevante, a de Gregório Nazianzeno, em seus discursos teológicos e, em geral, nos grandes discursos compostos durante sua estadia em Constantinopla. São, no conjunto, uma resposta equilibrada à ofensiva dos eunomianos, que era resgatada após a morte de Basílio. É uma resposta à heresia ariana na sua forma mais radical e dialética.

Gregório Nazianzeno, Basílio e Gregório de Nissa formam a tríade capadócia que constitui um dos núcleos preeminentes da especulação e da espiritualidade do cristianismo patrístico.³

No século 4, com esses padres capadócijs, desenvolve-se melhor a reflexão sobre as relações entre as três Pessoas divinas. Conforme J. L. Prestige, esse padre “se viram obrigados a fazer uma autodefesa da acusação do Triteísmo que pesava sobre eles”. Trata-se de três grandes teólogos da Capadócia (Ásia Menor): São Basílio Magno (330-379), seu irmão de sangue Gregório de Nissa (+349) e o amigo deles Gregório Nazianzeno (329-390).⁴

³ TRISOGLIO, Francesco. *La salvezza in Gregorio di Nazianzo*. Roma: Borla, 2002. p. 05.

⁴ SILVA, Maria F. Sobre o termo Pericórese. In: *Revista Teológica*, Ano IV, n. 14, jan./mar. 1996. p. 38.

O contexto teológico no qual estavam inseridos era formado de ideias confusas no tocante à Trindade. De um lado, o sabelianismo, que, amparando-se em suas concepções filosóficas, reduzia o mistério da Trindade à única pessoa do Pai. Desfigurava, assim, totalmente a revelação divina da Trindade. De outro lado, os eunomianos davam asas à imaginação e propunham a existência de três substâncias distintas e independentes: três deuses. Defendiam o politeísmo frente à imagem do mistério do amor trinitário de Deus.⁵

É de suma importância a reflexão dos padres capadócijs no século 4, particularmente de Basílio Magno e de Gregório de Nissa, sobre o conceito de pensamento humano e segundo o pensamento humano, necessário para defender a ortodoxia trinitária contra o arianista Eunômio, antes do Concílio de Constantinopla I (381). Isso aprofunda de modo original o resultado em que era comum a tradição alexandrina e dava uma nova contribuição à discussão sobre a origem da linguagem trinitária.

Um exemplo evidente desse aprofundamento do aspecto linguístico da questão trinitária é, sem dúvida, elaborado na obra polêmica de Gregório de Nissa contra Eunômio. Polêmica essa já iniciada por seu irmão Basílio na obra eunomiana. Em particular, é o segundo livro que evidencia uma consistente e sistemática reflexão sobre a natureza e sua origem da linguagem.

O coração da argumentação de Eunômio é a identificação dos termos “não gerado” ou “não geração” com a mesma substância de Deus Pai. “Não gerado” é o termo que indica adequadamente a substância de Deus porque não é atribuído a Deus segundo o pensamento humano: isso advém somente pela realidade finita que se extingue com as palavras que designam. Do mesmo modo, o nome “gerado” indica a substância do Filho que não pode, por isso, ser a mesma do Pai.

Em sua argumentação, Eunômio recorre a uma teoria da linguagem, segundo a qual os nomes de origem convencional, do pensamento humano, são *flatus vocis* que indicam realidades fictícias inexistentes. Os nomes realmente significativos, que indicam a natureza mesma da coisa são anteriores ao homem e são doados por Deus à humanidade juntamente com as coisas mesmas; entre esses nomes próprios, não de origem humana, nos é apontado o nome “não gerado”.

Basílio, que sustenta por todos os nomes, também os divinos, a origem convencional, ligada à capacidade heurística do pensamento humano, é acusado por Eunômio de pôr um limite ao zelo providencial de Deus, ao qual vem negada a atribuição dos nomes às coisas.

Jean Daniélou, um entre os primeiros e os grandes estudiosos do pensamento nisseno, afirma que, na posição de Eunômio existe certa afinidade com as teses linguísticas da escola neoplatônica de Giamblico. “É iluminador referente a isso confrontar a tese de Eunômio com a afirmação de Giamblico sobre os mistérios egípcios”: “se os nomes não fossem” postos segundo uma convenção, não haveria importância pegar um em vez de outro. Mas se esses são estreitamente unidos com a natureza dos seres, aqueles que são mais próximos a essa natureza são certamente também os mais

⁵ SILVA, 1996, p. 20.

gratos aos deuses. Isto parece claro: que a expressão linguística dos povos sacros é preferida, por justa razão, a dos outros humanos.

Trata-se de uma impostação mística, segundo a qual o significado da eficácia do nome coincide com a potência mesma dos deuses. Da resposta de Gregório de Nissa⁶ a Eunômio, seguiremos somente o aspecto linguístico.

A linguagem de Gregório de Nissa sobre o mistério trinitário

Boa parte da obra de Nissa é dedicada à doutrina trinitária. Tende a dar continuidade à reflexão iniciada por Basílio para responder à heresia semiarianista e se interliga posteriormente à questão pneumatômaca, ou seja, à heresia contra a divindade do Espírito Santo.⁷

No entanto, Nissa fixa os limites epistemológicos da pesquisa, afirmando que, para a consciência humana, é estruturalmente impossível compreender a natureza divina porque é impercorível a distância entre a criatura finita e a natureza incriada infinita. Nissa retoma a lição basiliana relativa ao conceito de pensamento humano e segundo o pensamento humano.

A nossa mente colhe qualquer coisa relativamente a Deus: nossa mente pode conceber qualquer coisa em relação a Deus, por via negativa ou por via analógica. Aquilo que vem denominado com nomes divinos, como geralmente todos os nomes, é invenção do pensamento humano e é posterior às coisas e a suas atribuições a esse convencional. As vozes são como sombras das coisas e têm a forma correspondendo aos movimentos daquilo que existe. Também os nomes seguem o movimento de Deus, suas operações os traços visíveis no criado da potência do Deus invisível.

No entanto, é necessário perceber que o pensamento de Nissa está perpassado da reflexão trinitária, que é o verdadeiro fundamento também de sua teologia espiritual, e que vem unido à doutrina cristológica. O termo *Tria* aparece, sem dúvida, na teologia de Nissa em que há uma coincidência entre doutrina trinitária e a compreensão da filiação.

Destarte, o elemento essencial no pensamento de Nissa – que perpassa sua teologia – é o apofatismo. Isso é fundamental na sua polêmica contra Eunômio, que negava a consubstancialidade das três Pessoas divinas. Nissa fundamenta sua reflexão trinitária no dado neotestamentário e litúrgico do batismo.⁸ A única vida divina é doada através da graça batismal. Dessa forma, as Pessoas divinas podem ser conhecidas somente na unidade graças ao sentido pessoal que cada uma imprime à única ação divina. Há um único movimento, uma única comunicação da vontade que do Pai, através do Filho, se direciona no Espírito Santo. Há uma dinâmica pericorética na qual as Pessoas são unidas sem confusão no amor recíproco. As três Pessoas são

⁶ Sempre que tratar de Gregório de Nissa no decorrer do texto, será apenas citado o nome Nissa ou nissenno.

⁷ MATEO-SECO, L. F. & MASPERO, G. “Trinità”. In: *Dizionario Gregorio di Nissa*. Roma: Città Nuova, 2007. p. 538-554.

⁸ Também Tertuliano no século 3 percebe o batismo como graça de um Deus que é trinitário. (In: CARPIN, J. G. *Tertuliano, il Battesimo*. Bologna: ESD, 2011. p. 570).

uma única natureza, porque única é a luz, única a vida, e único o fogo de Deus. Para Nissa, a imanência torna-se acessível na economia. No nome Cristo vem confessado o mistério trinitário de Deus. Nissa distingue economia e imanência sem separar.⁹ Isso corresponde ao pensamento de Irineu de Lião, que afirma a unidade trinitária da revelação, ou seja, da dimensão econômica.¹⁰

Podemos afirmar que a doutrina trinitária de Nissa resulta profundamente equilibrada, consegue uma elaboração teológica que salvaguarda atentamente a harmonia entre *ousia* e *hipóstases*. Põe à luz a divindade do Filho, expressando na relação com o Espírito Santo, vínculo do Pai e do Filho, unidade dinâmica da Trindade como mistério de liberdade e de amor.¹¹ Já Cipriano, no século 3 do cristianismo, afirma que há unidade nas três Pessoas divinas e que essa mesma unidade deve repercutir na igreja, no mundo.¹²

A compreensão trinitária de Basílio de Cesareia

A linguagem trinitária dos capadócijs tem como ponto fundamental a triplicidade das hipóstases iguais. A identidade da *ousia* vinha numa segunda linha em ordem de importância. Esse era justamente o motivo pelo qual Basílio, no desenvolvimento de uma argumentação a favor da igualdade das três pessoas, utiliza a propósito da *ousia* de Deus, uma linguagem que não consegue encaminhar às atribuições de uma genérica substância comum às diversas hipóstases. Entre a substância e a hipóstase percebe a mesma relação entre uma coisa em geral e uma em particular, entre um ser animado e qualquer homem:

Nós afirmamos uma única *ousia* na divindade a fim de evitar dar um diverso fundamento às Pessoas. Se se interpreta o fato de existir uma comum *ousia* como se implicasse a existência de uma matéria anterior subdividida entre as três Pessoas, isso constitui uma blasfêmia não menor do que da afirmação da desigualdade das Pessoas¹³.

Portanto o modo correto de compreender o fato de haver uma *ousia* comum consiste no reconhecer que se deve falar de uma Pessoa no mesmo modo em que se fala da outra. Quando afirmamos que o Pai é luz, também o Filho o é, pois a divindade é una. O simples fato de que os nomes diferem não implica necessariamente qualquer diversidade da *ousia*. A fé confessa a distinção em hipóstase e a comunidade em *ousia*. A hipóstase é o sentido da individualidade pessoal, em que o princípio da comunidade é atribuído à *ousia*. A substância inteira do Filho é igual à substância inteira do Pai e

⁹ CARPIN, 2011, p. 538-554.

¹⁰ BARTS, Benats. *Il ritmo trinitario dela verità, la teologia di Ireneo di Lione*. Roma: Città Nuova, 2006. p. 193-204.

¹¹ BARTS, 2006, p. 538-554.

¹² CIPRIANO DI CARTAGINE. *L'unità della Chiesa*. In: SOURCES, CHRÉTIENNES. Bologna: ESD, 2006. p. 67-68.

¹³ Para Basílio, a *ousia* indica comunhão na divindade. (SIMONETI, Manlio. *Il Cristo*. Valla: Fondazione Lorenzo, 2009. v. 3, p. 276-277.

assim do Espírito Santo. Tudo o que pertence ao Pai pertence ao Filho e vice-versa. Basílio chama isso de particularidade identificante e consiste no fato de ser *gennetos* e de ser *agnnetos*. Segundo Nazianzeno¹⁴, *agnnesia*, *gnnesis* e *ekpempsis* são modos de ser e não elementos do ser. Somente nessas três particularidades hipostáticas diferem uma da outra as três Pessoas divinas. Sobre a forma de idioma, Alexandre de Alexandria afirma que ser *agnnetos* é o único idioma do Pai.¹⁵

Tudo indica que Basílio utilizou esse termo da escola de lógica adotado seguidamente por toda a tradição teológica. Os discípulos de Eunômio queriam que Basílio afirmasse o conhecimento da *ousia* de Deus, ao que o mesmo declarou que isso é superior à capacidade da compreensão humana.¹⁶ Disse que o Espírito é uma *ousia* vivente, Senhor da santificação, e que a relação com Deus se revela na sua processão, mas o modo de *hyparxis*, como isso é, permanece inefável.

Anfilóquio de Icônio, amigo de Basílio, sublinha que os nomes de Pai, Filho e Espírito Santo não representam a *ousia* enquanto tal, mas representam um modo de *hyparxis* ou de relação. Já Dídimo, o teólogo cego de Alexandria, afirma que o termo *agnnetos* não exprime a *ousia* de Deus, mas seu modo de *hyparxis*. O ponto que vem sublinhado é o processo mediante o qual as Pessoas recebem o próprio ser e, ao mesmo tempo, como o ser se exprime. A questão é de interesse acadêmico, pois se o termo significasse modo de existência, ou modo de obter a existência na prática, seria usado apenas para indicar os fatos conexos com este último conceito; da outra parte, como relação entre as Pessoas divinas, não há referência temporal, mas exprimem dinanismos eternos que vêm em continuidade ao interno do ser divino.

A linguagem trinitária de Gregório Nazianzeno

Do ponto de vista de Gregório Nazianzeno¹⁷, o Pai, o Filho e o Espírito Santo são a mesma *ousia* e são *omousioi*: pela primeira vez após Niceia, vem explicitamente posta perfeita igualdade entre as três Pessoas. A distinção se constitui: o Pai é ingênito, o Filho gerado (segundo um princípio lógico e jamais cronológico) e o Espírito Santo procede do Pai sem ser jamais gerado. Introduce, dessa forma, o termo *proceder* (*processione*), um Vir que não coincide com a geração. Fundamentando-se em Jo 15.26.¹⁸

Nazianzeno retoma de Basílio o tema sobre a relação, em que afirma: o Pai é sempre Pai e o Filho sempre Filho. Pai e Filho não indicam uma essência, mas uma espécie de ação, uma relação entre os dois sujeitos que compartilham (comunicam) a

¹⁴ GREGORIO DI NAZIANZO. *Tutte le orazioni*. Milano: Bompiani, 2000. p. 617.

¹⁵ Para Basílio, a *ousia* indica comunhão de natureza na divindade. (SIMONETTI, Manlio. *Il Cristo*. Valla: Fondazione Lorenzo, 2009. v. 3, p. 276-277.

¹⁶ BASÍLIO DE CESAREIA. *Homilia sobre Lucas, 12; Tratado sobre o Espírito Santo*. São Paulo: Paulus, 1999. p. 114-121.

¹⁷ No decorrer do texto, Gregório Nazianzeno será citado apenas por Nazianzeno.

¹⁸ Gregório Nazianzeno era um homem erudito, apaixonado pela literatura, refinado, ascético e com sensibilidade artística, uma das figuras mais originais e interessantes do cristianismo oriental.

mesma *ousia*. Em sua Oração 31, afirma: o Pai, o Filho, o Espírito Santo apresentam a distinção das três Pessoas na única *ousia* e na única dignidade da divindade. O Filho não é o Pai porque o Pai é um só, mas é a mesma coisa não o mesmo (Jo 10.30) que é o Pai. Nem o Espírito é o Filho pelo fato de que vem de Deus, porque um só é o unigênito, mas é a mesma coisa que é o Filho. Os três são um só ser quanto à natureza divina, e o só ser é três, enquanto propriedade.¹⁹

A respeito do Espírito Santo, Nazianzeno dirá que o Espírito Santo é *homousio* com o Pai do qual vem. Nazianzeno não aceita a falta do termo *homousio* no Concílio de Constantinopla I (381), o que já havia debatido com Basílio, por sua exagerada diplomacia na sua teologia: a ausência de uma afirmação explícita da divindade da terceira pessoa.

Todavia, é necessário perceber a importância da linha histórico-salvífica no pensamento de Nazianzeno, no qual há uma magnífica passagem sobre a continuidade da ação do Espírito Santo do AT ao NT.

Tanto Tertuliano quanto Orígenes haviam levantado o problema. Tertuliano apresentara a extrema unidade através das formas triádicas (raiz, tronco, ramos, canal, rio, fonte), definindo primeiramente “*factum*” através do Filho do Pai, também se o ser *factum* era eterno e, em modo muito diverso dos outros seres. Para Orígenes, o Espírito é Aquele que dá consistência aos dons do Pai à humanidade, mediante o Filho.

Já Atanásio havia percebido uma relação entre as duas díades: Pai e Filho, Filho e Espírito. Toda hipóstase do Filho era empenhada no vir-a-fora do Espírito. Percebemos uma luta constante na busca de uma palavra que fosse paralela à geração.

Basílio é o primeiro a levantar o problema de modo direto: se é gerado do Pai, por que não é outro Filho? O Espírito vem como o Filho, mas não é gerado do Pai, como o Filho, porque não é outro Filho. Fala-se analogicamente do sopro da boca de Deus, mas é uma imagem que se aplicava já ao *logos*, depois identificado como Filho.

Portanto Nazianzeno é o primeiro a utilizar Jo 15.26 para a forma da processão (*ekporeuesv*) do Pai em sentido técnico. João usa o verbo, Nazianzeno faz um substantivo. Enquanto procede do Pai, não é criatura e, enquanto não gerado, não é o Filho, mas enquanto intermediário entre o ingênito e o gerado, é Deus. Certo da dificuldade, Nazianzeno afirma, em seguida, para justificar: se tu me explicares o que significa o ingênito, eu te explico o que significam a filiação e a processão.

São ideias já presentes em Hilário de Poitiers²⁰, mas que no pensamento de Nazianzeno encontram legitimidade e linguagem técnica, que Nissa utiliza com tranquilidade.

Nazianzeno desenvolverá, posteriormente, a definição de Basílio com a introdução da identidade do conceito de *hipóstase* com o de *prosopa*. Em 373, o termo *prosopa* para Basílio era ainda de menor conteúdo ontológico em relação ao de *hipóstase*. Afirmara que *prosopa* não era um termo adequado para mostrar a distinção entre as três Pessoas. Os dois conceitos assumem um valor diferente no pensamento

¹⁹ GREGORIO DI NAZIANZO, 2000, p. 747.

²⁰ PETRI, Sara. *Hilário de Poitiers*. São Paulo: Loyola, 2011. p. 190-197.

de Nazianzeno, para quem os elementos fundamentais da fé trinitária são: a unidade da substância e na dignidade de adoração, ou a Trindade nas *hipóstases* ou nas Pessoas, como preferem alguns. Para Nazianzeno, *hipóstase* e *prosopa* são a mesma coisa; indicam que são três Pessoas, não distintas em sua substância, mas em suas características.

A equivalência entre *hipóstase*, de um lado, e *prosopa*, de outro, é legítima pelo fato de que não indicam somente a realidade, mas a subsistência e a unicidade de cada Pessoa da Trindade, inconfundível com as outras duas. Gregório também foi de grande importância no aprofundamento do termo *relação*. Para ele, não se pode falar do Pai e do Filho e do Espírito Santo só a partir da autonomia afirmada dos nomes recíprocos que operam uma distinção dos três entes Deus, mas considerando que seja uma relação que existe intratrinitariamente.

Outra afirmação que assume relevância em Nazianzeno é que o nome Pai não indica nem substância nem atividade, mas relação que subsiste entre o Pai e o Filho e vice-versa. Com o Pai nos referimos à fonte que não foi gerada, com o Filho ao que foi gerado e ao Espírito Santo originado da processão divina. Nazianzeno colocou as bases para uma convenção linguística que, com o uso do conceito de relação originária e eterna, tornou possível conservar as características da substância divina e articular sua realização no Pai, no Filho e no Espírito Santo. A doutrina da relação elaborada por Nazianzeno é posteriormente desenvolvida por Agostinho.

Uma posição compartilhada por Nazianzeno – que havia feito da doxologia trinitária sua atividade principal –, era a de que todo esforço teológico devia desembocar na doxologia, a causa dos limites postos à consciência terrena sobre Deus. Embora Nazianzeno fosse um dos expoentes mais importantes da teologia apofática, isso não o levava a crer que de Deus não se pode dizer nada.

Por isso, consciente dos limites linguísticos postos à teologia, exortava à adoração em que encontram o cumprimento, seja a profissão de fé seja a teologia. Essa perspectiva doxológica acentuada nos escritos de Nazianzeno é comum a todos os escritores capadóciens. Não se pode esquecer a forma como Cirilo de Jerusalém buscou conciliar a limitação da consciência humana com o dever do anúncio da Trindade.

Do ponto de vista de Nazianzeno, na potente e concisa síntese sobre o dogma trinitário²¹, há uma perfeita correlação interna que fala da verdade. Nazianzeno é, muitas vezes, límpido e refinado, cria um clima de nobreza, facilitando a elevação das ideias. Nazianzeno assume, sem desafinar uma concretude popularesca, que difunde uma naturalidade e objetividade, filtrando o vocabulário e as frases.²²

Indubitavelmente, quanto se trata do pensamento de Nazianzeno, precisamos compreender que o mesmo estabelece sua linguagem dentro do contexto teologia e economia, elaborando uma distinção conceitual entre ambas. Tem uma concepção fortemente dialógica e dinâmica das relações intratrinitárias, que podemos definir

²¹ PETRI, 2011, p. 657.

²² TRISOGLIO, Francesco. “Gregorio di Nazianzo il teólogo”. In: *Studia patristica mediolanensia vita e pensiero*. Milano: Università Cattolica del Sacro Cuore.

econômica (também, obviamente, não aplica esse termo às relações intratrinitárias), referindo-se à dialogicidade amorosa entre as pessoas divinas, que o ser humano experimenta como fundamento e como êxito da economia divina, mas que é a mesma das relações intratrinitárias.

Destarte, talvez não seria arbitrário, ou forçado, destilar das suas páginas de conteúdo teológico uma noção de discurso intratrinitário, que aparece conforme sua mentalidade de teólogo possuidora de uma pomposidade da forma e uma maestria no artifício estilístico. A categoria que melhor define o sistema das relações intratrinitárias é, com efeito, a da distinção semântica em que se concentra a dinamicidade do movimento amoroso no qual as Pessoas divinas vivem eternamente. Isso nos força a afirmar que Nazianzeno apresenta uma teologia das relações em certo sentido parcialmente diferente daquela de Agostinho.

Sem dúvida, é necessário perceber o contexto de algumas citações de Nazianzeno²³: em Or. 2,36-38.49, trata da arte do governo pastoral que requer equilíbrio e direção e isso vale para o ministro da palavra. O tema intratrinitário é o mais difícil, pleno de riscos para os pastores da igreja em seus ensinamentos. Faz-se necessário compreender que no discurso de Nazianzeno, portanto, o ponto de partida de toda problemática linguística, o problema não é Deus, mas falar de Deus.

Certamente, para um discurso intratrinitário é mister uma ordem arquetônica que garanta a manutenção da metáfora linguística e a gramática, favorecendo interligação entre as hipóstases. Do contrário, seria reduzir a uma síntese puramente formal, limitando a um jogo combinatório privado de uma substância comunicativa, ou seja, dessemantizar um concentrado de significados sem ligação com outros elementos, sem um princípio ordenador. Nazianzeno aponta a doença da teologia em seu tempo: o ateísmo promovido por Sabélio, o judaísmo compreendido por Ário e o politeísmo, que é o erro de vários outros teólogos da época.²⁴

O erro de Sabélio pode ser definido, na compreensão de Nazianzeno, como um ateísmo que resulta da nova análise e síntese, que não define o todo como um só ser, mas enquanto não define qualquer ser singular como um nada, de fato os seres que se transformam e se substituem como qualquer outro ser. Para Nazianzeno, é ateísmo, porque, negando a racionalidade substancial da Trindade, termina negando também a consistência das singulares *hipóstases* e, portanto, a essência do Deus único. Do mesmo modo, a forma de talhar a natureza como Ário, conduz a uma compreensão pobre do judaísmo, temendo que Deus, enquanto Pai de um coigual em natureza, se diminua.

Também nesse caso o acento é posto por Nazianzeno na negação consequente do erro de Ário, da comunicação amorosa entre as pessoas da Trindade: o Deus de Ário ou de Eunômio (até o dos judeus na visão de Nazianzeno)²⁵ é um Deus pobre, porque é solitário. Nesse caso, as *hipóstases* são corretamente afirmadas em si mes-

²³ GREGORIO DI NAZIANZO, 2000, p. 9.

²⁴ GREGORIO DI NAZIANZO, 2000, p. 863.

²⁵ É evidente que não se pode assumir totalmente essa visão de Nazianzeno quando se trata do diálogo entre as religiões no contexto atual.

mas, mas insuficiente a relação entre si. No fundo, afirma Nazianzeno, se considerar do ponto de vista linguístico, há uma verdadeira incapacidade de evidenciar de modo adequado um enunciado trinitário.

Oposição ou acordo puramente sintático se equivalem ao negar a única forma de relação adequada à Trindade, que é a do amor recíproco constitutivo. Nazianzeno verifica que não precisa ser amante do Pai a tolher a sua paternidade: o que seria de fato o Pai se o Filho se distanciasse Dele reduzido à criatura. Não precisa ser amante de Cristo para tolher sua qualidade de Filho e ao Pai a dignidade de princípio que lhe pertence enquanto Pai. Aqui, Gregório faz uma belíssima observação que vale sublinhar por colher o próprio núcleo da questão teologia e economia:

Deus Pai seria princípio do ser sem importância e dignidade, ou seria em um modo sem importância e sem dignidade se não fosse o princípio da divindade e da bondade que se contemplam no Filho e no Espírito Santo, primeiro na sua qualidade de Filho e de Logos, em segundo enquanto é Espírito Santo que procede que não se dissolve²⁶.

Decisivamente, Gregório Nazianzeno afirma que o conhecimento trinitário de Deus se dá via revelação não por conquista racional. Para ele, Pai e Filho não são nomes de substância, mas de relação, assegurando um relacionamento que se distingue sem implicar subordinação.²⁷

Deus seria criador de modo diverso, se não fosse Pai: eis a ligação, a identidade da teologia e da economia.²⁸ É a relação amorosa que intercorre entre as pessoas da Trindade a constituir a essência da relação entre Deus e os seres criados. Em outras palavras, podemos afirmar que Deus é autenticamente Criador porque enquanto Pai, e o seu modo de ser princípio dos seres criados tem essencialmente conta da sua paternidade.

Dessa compreensão trinitária brota como consequência uma vivência eclesial una. No interior do seu pensamento, a distinção trinitária da economia é claramente presente na correspondência entre a concórdia que reina na vida eclesial que aponta um elemento da economia e a vida trinitária:

Nós somos do Uno, portanto, nos tornamos um, e nós que somos da Trindade temos uma idêntica natureza, um só espírito e uma mesma dignidade. Nós que somos do Logos somos livres da falta da razão. Nós que somos do Espírito somos ferventes não contra o outro, mas juntamente com o outro (6,4). Fala isso a partir de uma visão comunitária eclesial²⁹.

Nazianzeno assegura claramente sua posição a respeito da comunhão da essência divina, excluindo toda e qualquer relação causal entre a essência divina e as Pessoas. Afirma que a essência é comum às três Pessoas sem se dividir, impedindo

²⁶ GREGORIO DI NAZIANZO, 2000, p. 33-34.

²⁷ TRISOGLIO, 2002, p. 27.

²⁸ Podemos forçar um pouco dando um salto para nosso tempo da forma rahneriana.

²⁹ GREGÓRIO DI NAZIANZO, 2000, p. 229-232.

qualquer ideia triteísta de Deus. Faz um caminho diferente de Nissa e de Evágrio, seu mestre. Enquanto Princípio, o Pai, afirma conforme tradição paulina: “Porque tudo é dele, por ele e para ele. A ele a glória pelos séculos” (Rm 11.36)! Gregório faz corresponder a fórmula paulina: “[...] existe um só Deus, o Pai, de quem tudo procede [...] e um só Senhor, Jesus Cristo” (1Co 8.6), em que faltava a referência ao Espírito Santo, a sua doutrina trinitária em tudo aquela de Rm 11.36, para que as três hipóstases sejam referidas unidas. Afirma o Pai como união na Trindade, e do qual provém, e a Ele retornam as outras duas Pessoas.

Esse é um ponto central da teologia trinitária de Nazianzeno. O mesmo tenta precisar o processo da formação da linguagem sobre a Trindade no confronto com as doutrinas neoplatônicas. De acordo com Torrance³⁰, Nazianzeno assume uma posição diferente dos outros capadócijs, avizinhandose de Atanásio, para o qual a substância divina é considerada em suas relações internas, ou seja, identifica a substância divina com a monarquia, seguido por Nazianzeno.³¹ Do ponto de vista de M. Paradiso³², o mistério trinitário parece querer transpor a inteligência teológica e que a linguagem revela sempre uma busca incessante para falar de Deus com palavras humanas.

Conclusão

A linguagem trinitária dos capadócijs traz em seu bojo a relação entre imanência e economia, perpassada pela dimensão apofática. Embora mantendo algumas distinções, os três capadócijs compartilham a mesma dinamicidade de um pensamento trinitário que tem em seu núcleo o movimento pericorético das Pessoas divinas.

Destaca-se que a linguagem é inculturada, pois tenta responder a demandas de seu próprio contexto, que era o momento das heresias. No entanto, os mesmos podem nos apontar os fundamentos que nos incitam na verificação teológica sobre Deus e sua relação com o mundo, a cultura, hoje, o diálogo entre as religiões, o ecumenismo, a busca de uma linguagem que melhor provoque a unidade, mantendo a distinção entre igrejas, grupos, sociedade. Nazianzeno indica-nos um caminho através de sua ousadia em utilizar o saber do seu tempo, a filosofia para elaborar uma linguagem sobre Deus, capaz de dialogar com a cultura. Atualmente, quando se trata de inovar, a tendência é eliminar os conceitos, as definições. No entanto, não é possível criar vocabulários novos sem conhecer e saber lidar com os conceitos desenvolvidos ao longo da história. Nazianzeno oferece uma possibilidade de interagir com outros saberes, sabe retirar da cultura elementos possíveis para gerar uma linguagem sobre Deus na sua relação *ad intra* e *ad extra*. Karl Rahner³³, tentando explicitar a teologia trinitária no horizonte

³⁰ TORRANCE, Thomas. *The Trinitarian Faith: The Evangelical Theology of the Ancient Catholic Church*. Edinburgh: T & T Clark, 1988. p. 154.

³¹ MORESCHINI, Cláudio. *I padri cappadoci, storia, letteratura, teologia*. Roma: Città Nuova, 2008. p. 268-271.

³² PARADISO, Marcello. *Nell'intimo di Dio: la teologia trinitaria di Hans Urs von Balthasar*. Roma: Città Nuova, 2009.

³³ MONDIN, Battista. *La Trinità mistero d'amore*. Bologna: ESD, 2010. p. 235.

cultural da modernidade, põe em discussão o axioma: Trindade econômica e Trindade imanente, mostrando sua inter-relação, resgatando dessa forma já um desenvolvimento feito pelos capadócijs, mas indicando elementos capazes de favorecer um diálogo com a modernidade.

Referências

- BASÍLIO DE CESAREIA. *Homilia sobre Lucas, 12; Homilias sobre a origem do homem, tratado sobre o Espírito Santo*. São Paulo: Paulus, 1999.
- BART, Benats. *Il ritmo trinitário dela verità, la teologia di Ireneo di Lione*. Roma: Città Nuova, 2006.
- CARPIN, J. G. *Tertuliano, il Battesimo*. Bologna: ESD, 2011.
- CIPRIANO DI CARTAGINE. *L'unità della Chiesa*. In: SOURCES, CHRÉTIENNES. Bologna: ESD, 2006.
- CROSS, Richard. Divine Monarchy in Gregory of Nazianzus. *Journal of Early Christian Studies*, 14, 1, p. 105-116, 2006.
- GREGORIO DI NAZIANZO. *Tutte le orazioni*. Milano: Bompiani, 2000.
- MATEO-SECO, L. F. & MASPERO, G. *Gregorio di Nissa dizionario*. Roma: Città Nuova, 2007.
- MONDIN, Battista. *La Trinità mistero d'amore*. Bologna: ESD, 2010.
- MORESCHINI, Cláudio. *I padri cappadoci, storia, letteratura, teologia*. Roma: Città Nuova, 2008.
- PARADISO, Marcello. *Nell'intimo di Dio: la teologia trinitária di Hans Urs von Balthasar*. Roma: Città Nuova, 2009.
- PETRI, Sara. *Hilário de Poitiers*. São Paulo: Loyola, 2011.
- PRESTIGE, George. *Dio nel pensiero dei padri*. Bologna: ESD, 1992.
- SILVA, Maria F. Sobre o termo pericórese. In: *Revista teológica*, São Paulo, Ano IV, n. 14, jan./mar. 1996.
- SIMONETTI, Manlio. *Il Cristo*. Valla: Fondazione Lorenzo, 2009. v. 3.
- TOMÁS DE AQUINO. *O credo*. Petrópolis: Vozes, 2006.
- TORRANCE, Thomas. *The Trinitarian Faith: The Evangelical Theology of the Ancient Catholic Church*. Edinburgh: T & T Clark, 1988.
- TRISOGLIO, Francesco. *La salvezza in Gregorio di Nazianzo*. Roma: Borla, 2002.